

# O xadrez e a dermatologia

**Nelson Guimarães Proença**

Fui razoável jogador de xadrez e o pratiquei, desde a adolescência até a idade adulta jovem, somente parei quando se aproximava o fim de meu curso de Medicina. Para aprender a jogar contei com um bom professor, em minha própria casa, foi meu irmão Helio, com cinco anos a mais de idade do que eu. Era jogador de primeira linha, foi campeão universitário brasileiro, lá pelos idos de 1949. Com ele aprendi muitos dos segredos do esporte.

Esporte, sim. O xadrez é mais do que um jogo, é mesmo um esporte, não de atividade física, mas sim intelectual. Quando se fala em jogo, logo se pensa nos que são ditos "de azar", como são os de cartas ou as roletas. Nestes, é impossível prever o que vai acontecer, a surpresa faz parte do jogo, pode ser boa ou frustrante, não é possível fazer previsões.

Bem ao contrário, no jogo de xadrez são dezesseis as peças em cada lado do tabuleiro, que ocupam sessenta e quatro espaços, sendo os movimentos dessas peças feitos segundo regras pré-determinadas e aceitas. Para o jogador de xadrez tudo é passível de previsão, sejam as melhores alternativas para que faça seus lances, seja para analisar as que estão à disposição de seu adversário. Não é jogo de azar, é um embate que exige estudo e estratégia, movimentos de ataque e de defesa, tudo sintetizado em determinado movimento de determinada peça.

No xadrez o acaso não tem lugar. Ou você estuda, compreende e planeja o que fazer, leva também em consideração os possíveis movimentos do adversário; ou você não faz nada disso e será um perdedor habitual.

Ao iniciar minha prática na Medicina, me veio à mente a imagem do jogo de xadrez. Era preciso conhecer bem o corpo humano, que figuradamente seria o nosso "tabuleiro de trabalho". As peças seriam, evidentemente, os órgãos e os sistemas orgânicos, espalhados por todo o corpo. As



regras do jogo resultariam das funções fisiológicas, manter a funcionalidade do conjunto era o objetivo a ser alcançado.

O adversário? Temível, o doutor Patológico, capaz de dissimular suas intenções de mil formas diferentes, de utilizar mil artimanhas para nos iludir, de mudar a todo instante sua estratégia, colocando-nos em xeque. Sempre buscando pôr em risco a vitalidade e a sobrevivência do corpo humano. Poderoso adversário, dissimulado em suas intenções, assumindo diferentes aparências clínicas, contando com um exército de microrganismos para combater sob suas ordens.

Para enfrentar tão poderoso e dissimulado adversário, era preciso estudar em profundidade o conhecimento já acumulado por todos os jogadores que nos precederam e que estavam conosco do mesmo lado da mesa. Era preciso assimilar aquilo que se chama a "experiência médica".

Perscrutar o corpo humano sadio e enfermo, compreender como se desenvolvem suas funções na vida cotidiana e como ele reage diante de variadas agressões a que fica exposto, compreender e classificar o quadro clínico que ele apresenta, essas as tarefas permanentes do médico. Só, então, fazer o "lance" correto, isto é, administrar a medicação adequada e recomendar os cuidados apropriados, visando obter a recuperação do paciente, sendo essa a vitória final.

Na ocasião em que conheci de perto a Dermatologia, senti como que um despertar, dentro de mim, de antiga e bem conhecida vocação que estava adormecida, a do jogador de xadrez.

Diante do paciente na consulta, é sempre necessário conduzir o exame clínico e a investigação diagnóstica, analisar as informações obtidas, com segurança. Igualmente estar seguro ao orientar o tratamento, sabendo o que se pode esperar. Na Dermatologia, ter diante de mim toda a pele do paciente para ser examinada, vista e tocada; submetida à biópsia ou a testes, quando necessários; contando com o laboratório e os exames de imagem, quando a suspeita era de participação sistêmica. Tudo isso dava segurança para decidir sobre a conduta a ser tomada.

O caminho estava escolhido. Primeiro foi preciso estudar e conhecer toda a experiência já acumulada. Depois, estando diante do paciente, ouvir e, na sequência, fazer o exame metucioso da pele; sabendo escolher, entre a vastidão de exames laboratoriais disponíveis, quais os que realmente podem contribuir para complementar o estudo do caso. Só, então, classificar corretamente o processo mórbido e escolher a melhor alternativa terapêutica.

Tão logo conheci o jogo de xadrez, estudei muito para ser um razoável jogador. Tão logo conheci de perto a Dermatologia, procedi do mesmo modo. Estudei e aprendi a classificar, também a estabelecer a estratégia correta, movimentando as peças à disposição, buscando a vitória em cada embate.

Passei os quase sessenta últimos anos de minha vida aceitando o permanente desafio que me fez o doutor Patológico. Felizmente, contra ele levei a melhor, quase sempre, para minha satisfação e para alegria de meus pacientes.

### Nelson Guimarães Proença

Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Membro da Academia de Medicina de São Paulo.

## Primavera

Pensar no sol, olhar a lua, lembrar do vento,  
da chuva generosa ou do penoso frio:  
como é tão sábia a natureza em movimento,  
na eterna rotação, perene rodopio!

Enquanto as folhas secas caem do arvoredo  
e o meu peito só restar vazio,  
a natureza realiza seu enredo,  
passa o verão, outono e o inverno tão sombrio.

Renovam-se em nós anseios de esperanças,  
ao simples enunciar que chega a primavera.  
Perfumes e emoções, auspícios de bonanças,  
alvores de prazer, após tão longa espera!

Salve a Primavera! Tu és condão da vida,  
em santa disfarçada, brisa multicores,  
da lua és namorada, de sol és revestida  
sorriso em cada face, estação das flores!

Quimérica magia, és a nossa Alteza,  
sereno renascer do belo e do encanto,  
do afago fugidio, essência e natureza,  
do humano coração és sonhos de acalanto!

**Walter Argento**  
Poeta

# Peripécias médico-assistenciais

**Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak**

**M**édicos que exercem sistematicamente atividades assistenciais podem deparar com acontecimentos não comuns e de vários tipos. Alguns são curiosos. O doutor está nesse contexto e, por exemplo, contou três ocorrências, agora descritas e isentas, felizmente, de tristezas e dramaticidade.

Em hospital universitário, o doutor foi incumbido de supervisionar e controlar a atenção profissional devida a doentes internados. Entre as tarefas executadas, incluí uma: a visita dupla a enfermos. Cumpria essa ação em companhia de internos, médicos residentes, docentes e estagiários. Ao chegarem ao leito da recém-admitida ali, a observação clínica passou a ser lida e, no decurso desse ato, a moça examinada pediu a palavra, logicamente consentida. Disse que estava entendendo a preocupação com a barriga muito grande. Afinal, era só gravidez e mais nada sentia. Silêncio. Decepção e logo a constatação de que um médico preguiçoso e desligado de responsabilidade pedira internação mencionando suspeita de esquistossomíase mansônica descompensada, com ascite. O irresponsável, protegido do professor-chefe, mostrou irresponsabilidade. É triste constatar a presença de tipos dessa natureza que, em vez de proteção, executa feito vergonhoso.

O doutor, no ambulatório, recebeu um japonês doente. Havia necessidade de estabelecer o diagnóstico. Observação clínica e solicitação de exames subsidiários ocorreram. A natureza da enfermidade não ficou estabelecida nessa primeira ocasião. Hipóteses não faltaram. Foi, então, recomendado retorno após um dia para reconhecimento de evolução e conhecimento dos resultados do apoio complementar solicitado.

Quando voltou, obedecendo a recomendação dada, o paciente com bom aspecto tinha um braço dobrado e encostado no tórax. O doutor, diante da novidade, estranhou e logo procurou desvendar o que se sucedeu. Soube rapidamente: o nipônico prendia o termômetro na axila desde o dia anterior. Não teria sido instruído, justificou. Fato incomum, caricato. Porém, não impediu prosseguimento da tarefa assistencial.

Em visita a doentes internados, um deles era jovem, falante e colaborativo. Cefaleia, febre e vômitos motivaram o diagnóstico de meningite a ser confirmado com identificação da espécie. O exame do cefalorraquidiano é básico. Foi realizado. Havia, de fato, a enfermidade cogitada, mas um componente importante não permitiu avanço desejado. Certos tipos de células, pelas suas quantidades, podem informar a natureza do que acometeu o paciente. Apareceram em níveis praticamente iguais. Empate. Nova tentativa tornou-se necessária e, lamentavelmente, o empate surgiu. Ao ouvir a palavra, o moço pediu para opinar. Atendido, sugeriu que ele fosse para sorteio, como fazem em certas competições esportivas. Risos. Medicamente, algo inusitado e inaceitável. Contudo, extremamente original. A despeito disso, a procura da causa continuou.

---

**Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak**  
Professores Universitários

# O estrangeiro

Carlos Alberto Pessoa Rosa



Um caderninho encapado jazia sobre o banco do jardim. Tomei-o e abri-o. Um diário... Trouxe-me alguma lembrança de Maupassant; e de mim mesmo.

15 de junho: deixo a cidade um pouco contrariado com os acontecimentos. Vou me refugiar em algum lugar onde não me cerceiem a liberdade. Gostaria de não passar de uma sombra. Visível o necessário durante o dia; invisível à noite. Comprei passagem para o último ônibus. Chego pela manhã. Faltam algumas horas, ainda. A mala está pronta. Não levo muita coisa, apenas o necessário para o recomeçar. Dou um derradeiro passeio pela casa. Apalpo objetos familiares. Coloco os fantasmas dos que se foram em seus devidos lugares. O pai no sofá, com seu cachim-

bo, lendo o diário. Não gostava de ser importunado quando lia. A mãe é ruído de talheres na cozinha. Enquanto lava a louça, tem o olhar dirigido pelos sonhos. Eu, o único filho. Faço a lição, ainda com o uniforme da escola, sendo observado obliquamente pelo velho. Há um piano na casa que foi de minha irmã, pouco me lembro dela; morreu quando eu era ainda muito pequeno. Não havia muito o que fazer na cidade; não mais do que cinco mil habitantes, todos sabiam de tudo, nada escapava da sisudez hipócrita de uma cidade pequena. E afora a morte de minha irmã, não havia muito para bisbilhotar em nossa casa. A biblioteca alimentada pela mãe me levou a ler, muito. A mesa de jantar. Hora sagrada, com toda rigidez da etiqueta cristã.

*Eu a ignorava e igualmente todas as verdades emitidas por Jeremias, Malaquias, Ezequiel, Elias e Gagachia.*

Já se foram. Mas, como a pedra que ao bater na superfície do lago, logo desaparece, mas não seu efeito em ondas, continuam a agitar o meu presente. Permaneço na varanda, observando as montanhas, o jardim onde sempre brinquei com meus cães. Agora não estão mais aqui, não há motivo para permanecer, quero tocar os lugares que os olhos azuis de minha mãe assuntavam. É outono. Começa a esfriar à tarde, as estrelas muito próximas... Não se vê movimento na rua. Os jovens refugiavam-se fora da cidade, onde há uma cascata, lá puxam maconha e conversas fiadas. Há anos, a mesma coisa. Tenho tempo... Melhor ir caminhando. Aluguei a casa mobiliada. Chegam amanhã.

A plataforma da rodoviária está praticamente vazia. Meu ônibus é o último, vem de uma cidade vizinha. Preferi assim, evito conversas inúteis e despedidas estereis. Viajar à noite também nos permite dormir, é como se passássemos de um sonho a outro, como se minha mãe pulasse a janela da cozinha e caísse em outro mundo. O ônibus chega na hora. Fico feliz em não ter companhia durante a viagem, sobra espaço para me esparramar.

16 de julho: chego às 6 horas. Reservei hotel no centro. Tenho algumas horas ainda. Melhor deixar a mala na rodoviária, depois volto para pegá-la. A terra dos sonhos de minha mãe tem algo de pesadelo e tuberculose. Me lembra um enxame de abelhas tocadas ao acaso. O zunido é semelhante. Pago para mijar e lavar o rosto. Pego o me-

trô, vou dar uma volta pelo centro. Tenho cinco horas ainda. Uns bárbaros invadem o meu vagão e começam a proferir palavras de Deus. As pessoas os ignoram; estão online. Minha mãe não era a única a esperar dias e lugares melhores. Todos o fazem. Desço na estação São Bento. Entro na igreja. *Pois era José que descendia de um incesto e não o Homem-Deus...* Se o velho soubesse o que eu lia! A mão era mais complacente, sugeria, orientava, mas lá dentro me deixava livre para que eu escolhesse o próprio caminho. Lugar de fósseis, saio na direção do largo do Café, a cidade em reformas, os espaços servindo às artes, pululam como as igrejas e os botecos, é a prática religiosa do futuro. Anhangabaú. Praça do Correio, Av. São João, sempre adorei a voz da Maysa a cantar a boemia. Colégio Caetano de Campos. É aqui que me sento em um banco, na praça da República e termino este diário. Daqui volto à rodoviária, pego a mala e me registro no Hotel. Deixo o diário a quem interessar, passo, neste momento, a ser mais um entre tantos anônimos... Até que a morte nos separe. (rs)

*Aí acabava o diário... Levo-o comigo, desço as escadarias da estação República: tomo o trem para Nice.*

---

**Carlos Alberto Pessoa Rosa**

Médico e Escritor



## Imigrantes

A vós que vindes de longínquas terras,  
d'outras plagas, trazendo os corações  
estrauchalhados pelo horror das guerras,  
roubadas d'almas, quantas ilusões!

Encontrareis na Pátria estremecida,  
neste Brasil tão grande e hospitaleiro,  
o amor a paz, a calma na vida  
e, por amigo, o povo brasileiro.

Sublime ideal, se tendes, porventura,  
de engrandecer a terra acolhedora,  
agraciamos toda essa bravura  
e vos saudamos, gente migradora.

Vosso futuro é marco e confiança  
de vida plena e labor tenaz.  
São novos passos, cheios de esperança  
e gratidão à terra que vos traz!

**Walter Argento**

Poeta

## Quadras de um homem comum

I

Os sonhos dos samurais  
Eu tenho dentro do peito,  
E canto, como os jograis,  
Um canto a Deus, a meu jeito.

II

Quero-Te Virgem Maria  
Com o querer cavaleiro  
E de José, no seu dia,  
Ter sua fé, por inteiro.

III

Cantador no meu espaço,  
Cantador só por cantar,  
Meço na vida meu passo  
E vivo do teu olhar.

IV

Tuas luzes estelares  
Desnadam o céu aberto,  
Brilhando em bravios mares  
Nascidos no meu deserto.

V

Minha nau tem nos seus mastros  
A bandeira dos oitenta.  
Eu comando olhando os astros,  
Junto ao leme, em marcha lenta.

VI

Ó Meu Senhor e Meu Deus,  
Vivemos ressurreição,  
Os Teus louros, são os meus,  
Enchendo meu coração.

VII

Quantos anos, nesta vida,  
Que tu estás junto a mim  
Vivemos uma só vida,  
Dentro de nosso jardim.

VIII

O teu olhar tem encanto,  
Malgrado teres idade,  
Mantém sempre no meu canto,  
Presença, amor e saudade.

IX

Eu embarcava na lua,  
Pintando minha aquarela,  
A inspiração sempre nua  
Andava de caravela.

X

Em noite de lua cheia  
Tinha sonhos aos milhares  
E meu castelo de areia  
Roçava a ponta dos ares.

XI

Nos tempos claros da lua  
Eu era menino-rei,  
Andava por minha rua,  
Senhor de um reino sem lei.

XII

Meus papagaios na lua  
Chegavam com as estrelas,  
Tinha sempre a imagem nua  
Da esperança por retê-las.

**Ives Gandra**

Tributarista e Poeta

# Analogias em Medicina (n. 37)

## DEDOS EM SALSICHA

Salsicha refere-se à tripa que se enche com carne moída e temperada. Normalmente obtém seu formato por conta de sua embalagem comestível, historicamente feita dos intestinos de animais e, mais modernamente, fabricada de forma sintética. O salsichão é salsicha grande e bem grossa.

A palavra origina-se do italiano *salsiccia*: carne suína, moída e ensacada, com sal e aromas, na tripa de menor diâmetro do porco (conforme dicionário Houaiss).

A salsicha mais comum, usada em cachorros-quentes e em outras receitas populares, é feita em linhas de produção automatizadas, praticamente sem contato humano e com etapas rígidas de higienização. Isso desmente o mito de que as fábricas de salsichas são ambientes repugnantes com sangue e gordura escorrendo por todos os lados. Essa ideia se disseminou principalmente pelas célebres frases do chanceler alemão Otto von Bismarck (1815-1898), que dizia que “Leis são como salsichas: é melhor não ver como são feitas” ou “Os cidadãos não poderiam dormir tranquilos se soubessem como são feitas as salsichas e as leis”. Os principais ingredientes da salsicha são restos de carnes de boi, de porco e de frango, que são usados no processo de enchimento das tripas. Essas podem ser naturais (como intestinos de carneiro, por exemplo) ou artificiais, feitas de plástico ou celulose, com diâmetro médio de 2 cm. Depois de preenchidas, as tripas são torcidas ou amarradas mecanicamente.

## DEDOS COM ASPECTO DE SALSICHA

A expressão refere-se aos aspectos anatomoclínico e radiológico da tumefação fusiforme dos dedos — pela inflamação dos tecidos moles —, associados à dactilite e artrite subjacentes.

Os dedos em salsicha (do inglês *sausage-shaped digits*) podem ocorrer na artropatia psoriásica — inflamação nas articulações interfalangianas distais e proximais —, na doença mista do tecido conjuntivo, na osteomielite, na anemia falciforme, na sarcoidose, na dactilite tuberculosa (*spina ventosa*), na síndrome de Reiter, na gota e na acromegalia, entre outras. Nas fases iniciais da esclerodermia, os dedos mostram-se

também uniformemente edemaciados, em salsicha. A mitocôndria, estrutura celular das mais importantes, pode lembrar uma microssalsicha.

A artrite psoriásica, artropatia psoriásica ou psoríase artropática é um tipo de artrite que afeta em torno de 5 a 7% das pessoas que sofrem de psoríase crônica na pele. Caracteriza-se por ser artropatia soronegativa. Pode manifestar-se por tenossinovite digital e edema difuso ao longo dos dedos das mãos e dos pés, configurando aspecto comparado à forma de salsicha (do inglês *sausage-like swelling*). Trata-se de quadro articular semelhante ao da artrite reumatoide, porém com diferenças clínicas e laboratoriais, como é do conhecimento de reumatologistas, dermatologistas e outros especialistas.

A síndrome de Reiter caracteriza-se pela tríade de artrite, conjuntivite e uretrite não gonocócica. É a artrite mais comum no homem jovem e também acomete mulheres. Em nosso meio, a porta de entrada genital é a mais frequente. A síndrome de Reiter pode apresentar-se de forma localizada e leve ou de forma grave e multissistêmica, acompanhada de febre e perda de peso. O envolvimento articular varia desde monoartrite transitória até poliartrite com acometimento axial. A manifestação clínica mais comum (95%) é a presença de oligoartrite aguda e assimétrica dos membros inferiores, incluindo joelhos e articulações metatarsofalangeanas. Sinovites, tendinites e entesites das pequenas articulações apresentam-se com sintomas dolorosos e dedos das mãos e dos pés (artelhos) em salsicha.

Na espondilite anquilosante, além das manifestações da coluna vertebral, pode ocorrer comprometimento de outras estruturas. No caso de associação de tendinite no nível dos dedos, podemos observar a tumefação global em salsicha dos dedos da mão e do pé.

Como se vê, a salsicha — iguaria provavelmente apreciada pela maioria dos sete bilhões de terráqueos — representa um sinal semiológico curioso, porém útil, em medicina.

### José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais



## coluna do livro

### **Serpents in symbolism, art and medicine**

Curioso livro escrito pelo médico Edwin Potter, que trata da serpente no simbolismo da Medicina.

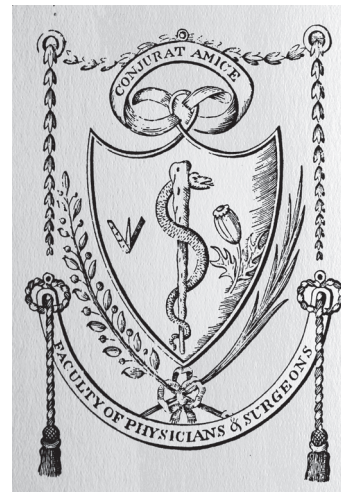
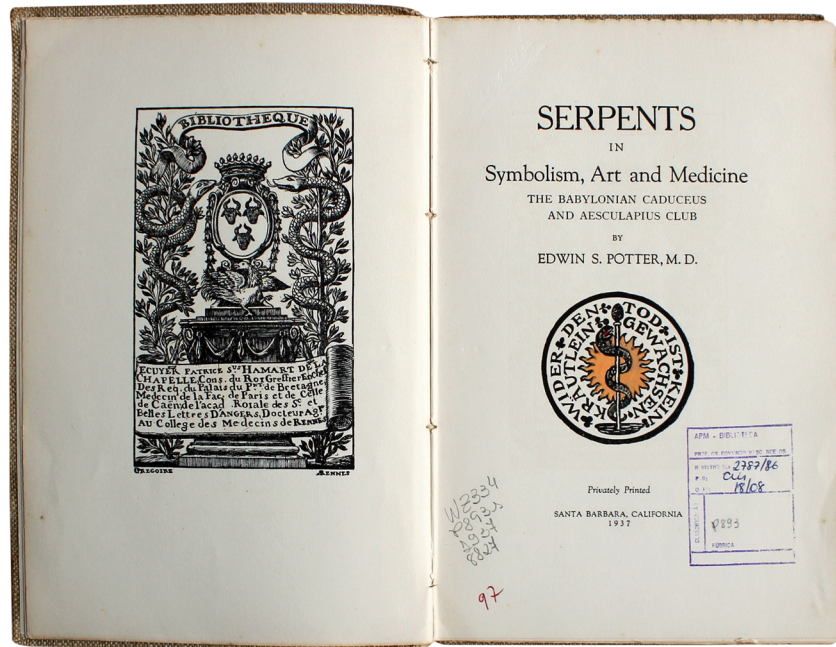
Há um belo histórico do uso da imagem do réptil na mitologia Romana e Grega, a mostrar o Bastão de Esculápio, com uma serpente e o Caduceu de Hermes, com duas, este muitas vezes confundido com o verdadeiro símbolo da Medicina.

Interessante também são os *ex-libris* [insígnias colocadas (na segunda capa ou na folha de guarda) por advogados, médicos, barões etc. para distinguir os próprios exemplares dos outros pertencentes à igreja e às "livrarias públicas"] que trazem serpentes, cujos sinais de propriedade são obras de arte, estudadas pelo autor. O livro tem 85 páginas, com capa cartonada recoberta de tecido. Consta a assinatura do escritor debaixo do seguinte manuscrito: *this is number 408 of five hundred copies*. Ricamente ilustrado, impresso em 1937, em Santa Bárbara, Califórnia, pertenceu ao professor Edmundo Vasconcelos, que o doou à APM, em 1986.

### **Guido Arturo Palomba**

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.



### **DEPARTAMENTO CULTURAL**

**Diretor:** Guido Arturo Palomba

**Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

**Cinematoteca:** Wimer Bottura Júnior

**Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:**

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.